

APRENDEMOS A SER MÃES?

Noeli Marangoni Gilioli*

Achei muito interessante um programa que estava ouvindo no rádio, que era uma abordagem a respeito de filhos; no entanto, eram filhos que ainda não existiam, pois o programa destinava-se a pais que estavam pensando em ter filhos.

Ideia aprovada! Para casar, é preciso frequentar um curso de noivos; se vamos ser padrinhos de uma criança, é preciso fazer um curso na igreja respectiva; porém, são poucas, ou praticamente inexistentes, as oportunidades de cursos para ser mãe ou ser pai.

Muito diferente de décadas atrás, quando o percurso de vida das pessoas era tão certo como dois e dois são quatro: namoro, noivado, casamento e filhos. A maternidade e a paternidade eram praticamente certas na vida das pessoas. Na atualidade, as opções são muito variadas, e existem aqueles casais que nem mesmo desejam ser pais.

Entretanto, o consumismo está tão enraizado em nosso cotidiano que ouvimos algumas pessoas falarem da seguinte maneira: “Meu sonho de consumo é ter um casal de filhos” ou “Meu sonho de consumo é apenas um filho”.

Repercutiu muito o caso do casal curitibano que fez inseminação artificial e acabou por ter trigêmeos, rejeitando uma das crianças porque tinha a saúde debilitada. O assunto ainda não terminou e vai render muita discussão e reflexão por parte de todos nós. Como podemos imaginar isso acontecendo justamente com uma mãe que se submeteu a um processo artificial para ter filho, por ser tão grande o seu desejo maternal? Aí é que pode entrar o que chamamos de “mãe por consumismo”: a sensação que temos é a de que uma criança é uma mercadoria; se apresenta um “defeito”, rejeitamos. Até onde sei, na área dos seres vivos, apenas alguns animais irracionais praticam esse ato de abandono, quando sua cria apresenta alguma debilidade. Fazem isso de forma instintiva: não têm como criar filhos defeituosos, e eles não sobreviveriam mesmo. Coisa muito diferente dos seres humanos, dotados de

sabedoria e, graças à ciência moderna, com inúmeros meios de cuidar de todos os filhos.

Neste mês, atamos a falar das mães. A mídia aborda, sim, o consumismo; dá até mesmo certa chantagem para comprarmos e comprarmos. É certo que nossas queridas mães merecem um chamego, um presente, mas esse presente não significa apenas algo a ser comprado, com dinheiro. Nós podemos pensar em “fazer” algo por elas ou para elas. Aí, sim, entra o diferencial: se dedicamos um tempo às pessoas, é porque elas nos são muito caras; quando fazemos algo, ou até mesmo escrevemos, com nossas próprias mãos, existe um carinho muito especial. Assim, acontece nossa homenagem!

Quem mais importante que aquela pessoa que nos gerou, aquela que nos adotou, que nos criou? Precisamos aprender com seus ensinamentos no dia a dia, com as próprias vivências; o carinho e a atenção que podemos compartilhar com ela não podem ser transformados em dinheiro.

O amor é o bem mais valioso e é gratuito! Precisamos aprender isso e ensinar aos nossos filhos.

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.